

ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2017 – Estado da Questão



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, Andrea Martins
Design gráfico: Flatland Design

Produção: Greca – Artes Gráficas, Lda.
Tiragem: 500 exemplares
Depósito Legal: 433460/17
ISBN: 978-972-9451-71-3

Associação dos Arqueólogos Portugueses
Lisboa, 2017

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Desenho de capa:

Levantamento topográfico de Vila Nova de São Pedro (J. M. Arnaud e J. L. Gonçalves, 1990). O desenho foi retirado do artigo 48 (p. 591).

Patrocinador oficial


ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES


MUSEU
ARQUEOLÓGICO
DO CARMO


LISBOA
UNIVERSIDADE
DE LISBOA


LETRAS
LISBOA


FACULDADE DE CIÊNCIAS
SOCIAIS E HUMANAS
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA


FUNDAÇÃO
MILLENNIUM
BCP

RESULTADOS PRELIMINARES DA PRIMEIRA CAMPANHA DA MISSÃO ARQUEOLÓGICA PORTUGUESA EM SHARJAH (EAU). ESCAVAÇÃO ARQUEOLÓGICA EM QUELBA/KALBA

Mário Varela Gomes¹, Rosa Varela Gomes², Rui Carita³, Kamyar Daryoush Kamyab⁴

RESUMO

Decorreu, na primeira quinzena de Janeiro de 2017, escavação arqueológica no local da antiga fortaleza de Quelba/Kalba (Sharjah, EAU), onde os portugueses estiveram a partir de 1624, sobre a qual existem referências literárias e desenhos das suas estruturas. Na actualidade aquela encontrava-se totalmente desaparecida, dado que terá sido propositadamente arrasada e os seus restos cobertos por areias. A nossa intervenção pôs a descoberto o lado nascente de tal estrutura, um poço existente no seu interior e, no exterior, pavimentos, buracos de poste e tina, assim como artefactos atribuíveis a período compreendido entre finais do século XVI e o século XVIII. Entre estes conta-se numisma persa, fragmentos de cerâmica com aquela mesma procedência, outros de origem regional, assim como de porcelanas chinesas, um dos quais com inscrição em árabe. Também se exumaram testemunhos de fauna a par de restos vegetais incarbonizados.

Palavras-chave: Quelba/Kalba, Emirado de Sharjah, Fortificação, Artefactos.

ABSTRACT

In the first two weeks of January 2017 an archaeological excavation took place at the site of the former Quelba/Kalba (Sharjah, UAE) fortification where the Portuguese settled in 1624 leaving some drawings and written documents. Nowadays the fortification walls are completely gone since the settlement was intentionally destroyed and covered with sand. The excavation revealed the east wall remains of this fortification with a well inside, plaster floors, post-holes and one small tank outside. Artefacts dated from the late 16th to the 18th century were abundantly found, including a Persian coin. Pottery is the most abundant type of finds with Persian productions, locally made vessels and several Chinese porcelain fragments, including one with an Arab inscription. As expected, zooarchaeological and carbonized vegetal remains also manifest the daily life at this site.

Keywords: Quelba/Kalba, Sharjah Emirate, Fortification, Artefacts.

1. OBJECTIVOS, PROBLEMÁTICAS E MEIOS

A Missão Arqueológica Portuguesa no Emirado de Sharjah, no Golfo de Omã, tem como principal objectivo a detecção e estudo dos vestígios da presença portuguesa antiga (séculos XVI a XVIII) e o elencar

das problemáticas derivadas da interacção daquela com o poder e as populações locais. Assim, apesar da existência de fortificações cuja arquitectura e processos de edificação denunciam claramente tal presença, são muito poucos os artefactos que a confirmam. Grande parte dos dispositivos defensivos,

1. Instituto de Arqueologia e Paleociências da Universidade Nova de Lisboa; mv.gomes@fcsh.unl.pt

2. Instituto de Arqueologia e Paleociências da Universidade Nova de Lisboa; rv.gomes@fcsh.unl.pt

3. Universidade da Madeira; Instituto de Arqueologia e Paleociências da Universidade Nova de Lisboa; ruicarita@netcabo.pt

4. Sharjah Archaeology Authority; kmr.kmb@gmail.com

possuindo origem ou adaptações da responsabilidade dos Portugueses naquela região foi já interencionada, tanto em termos arqueológicos como através de restauros recentes, talvez nem sempre segundo os padrões usados na Europa, pelo que decidimos iniciar as nossas investigações no Emirado de Sharjah explorando a área onde se terá erguido a primitiva fortificação de Quelba, que textos portugueses do século XVII sucintamente descrevem.

Apenas a tradição local e fotos aéreas, já com alguns anos, indiciavam a presença de antiga estrutura, mostrando planta de forma quadrangular. Alguns materiais encontrados à superfície do solo, a quando de visita explanatória efectuada em 2016, nomeadamente fragmentos de recipientes de cerâmica, abrangiam leque cronológico do século XVI ao XIX e nenhum claramente se considerou português.

Importava identificar os dispositivos defensivos, compará-los com os desenhos existentes, estudar métodos e processos construtivos, detectar as suas instalações e equipamentos, como fornos, poços e silos, assim como restos dos artefactos utilizados nos quotidianos ali ocorridos, de modo a contribuir para a restituição paleoetnológica das realidades então vividas, não descurando a identificação de redes de relações comerciais e culturais, ou o cruzamento dos quadros ideológicos naquela região do Índico.

A campanha cujos resultados preliminares agora se apresentam pela primeira vez, decorreu de 1 a 15 de Janeiro do presente ano, e integra projecto a decorrer durante cinco anos, ao abrigo de protocolo entre a Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e a Sharjah Archaeology Authority of the Government of Sharjah, que conta com o beneplácito de Sua Alteza Real Doutor Sheikh Sultan III bin Muhammad Al-Qasimi, emir de Sharjah, assim como com o apoio do Doutor Sabah Abbood Jasim, Director General of SAA, e do seu Director of Excavations and Archaeological Sites, Doutor Eisa Yousif, instituição que suportou inteiramente as despesas com transportes, estadas e a logística inerente aos trabalhos de campo. Nestes, além dos signatários, participaram alunos dos 3º, 2º e 1º Ciclos em Arqueologia da FCSH da UNL, fazendo, ainda, parte da equipa da missão portuguesa os Professores Fernando Almeida (UA), que connosco ali esteve, Pedro Callapez (UC), Miguel Telles Antunes (UNL), Luís Filipe Vieira Ferreira (IST) e Carmen Barceló Torres (UV).

2. HISTÓRIA DO SÍTIO

Os contactos dos Portugueses liderados por Afonso de Albuquerque com a costa dos futuros Emirados Árabes Unidos dada de cerca de 1507, quando da primeira tentativa de fixação daqueles na ilha de Ormuz, só conseguida em 1514. A presença portuguesa articulou-se a partir de Ormuz com o complexo fortificado de Mascate, registando-se ao longo do século XVI relações quase permanentes com as várias povoações intermédias que, tal como as principais, mudaram várias vezes de tutela.

Tomé Pires que por ali viajou, nos inícios de quinhentos (1512-1515), escreveu sobre a Península Árábica, referindo que “*nom tem çidades nem Rey viuem em cabilas (= tribos) he gente de Rapina & muito salvagem*”, não deixando de mencionar Calahate, Mascate e Curiate, tal como Ormuz (Cortesão, 1978, p. 143).

A fortaleza então designada de Quelba, hoje Kalba, segundo António Bocarro (1646, fls 138-139), foi tomada por Gaspar Leite, em Março de 1624, seguindo determinação do capitão-mor Rui Freire de Andrade (Cardi, 1971, pp. 232, 233; Ziolkowski, 2002, p. 95).

Aquela ocorrência reflecte estratégia económica desenvolvida pelos Portugueses na região do Golfo Árabe-pérsico e, no presente caso, justificada pela reconquista da ilha de Ormuz, em Maio de 1622, dado que Kalba terá sido da obediência ao seu sultão. Como regista texto de Manuel Godinho de Herédia, Kalba teria então “*governando-a Casmi, Um mouro de grande fama*”, por certo antepassado do actual emir de Sharjah e, salvo melhor opinião, não teria mesmo havido confronto.

Segundo a documentação portuguesa seiscentista, a fortaleza de Quelba/Kalba possuía planta quadrangular, com quatro baluartes nos cantos, um dos quais mais alto e complexo, provido de plataforma cavaleira, a defender a porta norte e uma estrutura habitacional interior. Cada lanço de muralha teria 33 a 35 metros (15 para 16 braças) de comprimento, apresentando dois deles entrada.

Aquela construção teria sido edificada “à maneira dos mouros”, como registam Bocarro e Herédia, em taipa, com muralha de 66 centímetros de espessura (dois palmos e meio), sem parapeito e de 8,80 metros de altura (quatro braças). A muralha à volta da povoação ainda tinha mais dois baluartes e existia um outro, a defender a praia, sendo a guarnição de um capitão lascarim (mercenário índico) com trinta

soldados, o que importava em 195\$840 réis por ano, pagos pelos impostos da terra, semelhantes aos exigidos pela anterior administração.

A fortaleza, em princípio, não teria tido especiais obras com a ocupação portuguesa e daí a referência de ser edificada ao modo tradicional da região, sendo abandonada vinte anos depois. Acresce que a fama de uma “*fortaleza portuguesa*” ali levantada chegou aos nossos dias nos moradores locais, como nos voltou a ser confirmado a quando da nossa missão em Kalba, pelo que a presença de Portugueses na área, em princípio, deve ter ultrapassado muito o que consta da documentação oficial.

Em 1648 seria assinado, na praia de Riyam, tratado de paz entre o Rei de Portugal, representado pelo Capitão-General de Mascate, D. Gil Eanes de Noronha e o Sheik Imam Nāsir b. Mushid b. Malik, representado por, entre outros dignatários, Sheik Yūsuf b. Ali b. Sālib al-Kāsīmī. Segundo este tratado, os Portugueses arrasariam as fortalezas de Curiate, Doba e Matará e o Imam demoliria a que detinha em Matará, podendo os navios do Imam navegar livremente na zona, livres de pagar direitos em Mascate, “*E com isso serão amigos com amizade limpa o Imam, E El Rey de Portugal amigos de amigos, E inimigos de Inimigos* (...)” (Al-Salimi e Jansen, 2015, pp. T9/385-388). Como então não se referiu a fortaleza de Kalba e contando-se com a presença do Sheik al-Kasimi, pode deduzir-se que a fortaleza de Kalba já lhe havia sido oficialmente restituída. As relações comerciais entre Portugueses e Árabes, por certo que se devem ter mantido na área, pois eram em proveito mútuo e sendo isso, inclusivamente referido no tratado. Todavia, os Portugueses durante a segunda metade do século XVII haveriam de perder progressivamente protagonismo comercial naquela região do Índico.

O comércio entre Portugal e o Golfo Árábico-pérsico encontra-se mencionado em diversos textos, nomeadamente o referente às célebres pérolas dali procedentes e aos cavalos árabes, mas também especiarias variadas e têxteis fizeram parte dos itens traficados. Ormuz haveria de constituir, entre os séculos XIV e XVII, um dos maiores centros do comércio marítimo do Índico.

Os têxteis de Ormuz e outros produzidos em diferentes pontos da Pérsia, tiveram fama em Portugal logo a partir dos inícios do século XVI. De facto, o testamento de D. Afonso Norandim, príncipe persa convertido ao catolicismo, elaborado em 1509,

menciona “(...) *um manto e vestimenta em frontal de borcadilho da Pérsia* (...)”, oferecido à igreja de Nossa Senhora da Graça de Lisboa (Serrão, 2015, pp. 21, 22). No “Inventário do Guarda-Roupa de D. Manuel”, efectuado em 1522, consta “(...) *hũu pano de brocado da Imdia que veo de Ormuz, com huns labores e rosas e cobras* (...)” (Ferrão, 1970, p. 161). Também visitaçã o ocorrida, em 1534, à igreja de Santa Maria de Alcácer do Sal refere “*Fromtall que se fez de huma fota d’Urmuz que está no altar moor*” (Cunha, 2012, p. 133), registando-se, no mesmo ano, na capela de Nossa Senhora da Porta de Ferro “*huum fromtall de fota d’Urmuz mujto bom* (...)” (Cunha, 2012, p. 137). E ainda na mesma data, a ermida de São Sebastião, em Alcácer do Sal, possuía “*vestimenta de fota d’Urmuz, muito fina* (...)” (Cunha, 2012, p. 144), mencionando visitaçã o efectuada, em 1552, pela Ordem de Santiago, à Ermida e Hospital do Espírito Santo, de Alcácer do Sal, registou bandeira de “*fota d’Armuz*” (Cunha, 2012, p. 247).

Fernão Mendes Pinto (2004, Cap. CLXV, p. 4) descreveu, em 1546, que os nobres do Reino de Pegu (Bidor) “(...) *vestem cetins, damascos e tafeciras da Pérsia* (...)”.

Mais tarde, nos inícios do século XVII, as “*Tafisiras da Percia*” surgem nos róis de salvados da nau Nossa Senhora da Luz, naufragada em 1615, nos Açores (Viana, 1999, pp. 93, 136, 151) e também ali se identificou “(...) *hũa capaneqa de Urmuz* (...)” (Viana, 1999, p. 81).

Há cerca de duas décadas, o Prof. Tatsuo Sasaki, da Faculdade de Letras da Universidade de Kanazawa (Japão) procedeu a sondagens arqueológicas em Kalba, na zona por nós investigada, tendo posto à vista restos de solos de massa de gesso, com buracos de poste, fossas e estruturas de combustão, assim como, em área mais afastada, parte de necrópole. Entre o espólio exumado encontram-se fragmentos de cerâmicas, de diferentes classes, e restos de faunas. Existe relatório, não publicado, destes trabalhos.

3. LOCALIZAÇÃO E AMBIENTE NATURAL

A antiga fortificação de Kalba, ocupa zona hoje pertencente a enclave do emirado de Sharjah, na costa noroeste da Península Árábica, ou Batinah, correspondente ao Golfo de Omã.

Aquela zona, com características que lhe conferem unidade geográfica, desenvolve-se a partir do norte do actual Sultanato de Omã, ou de Khor Kalba a

Gharfah, no Emirado de Fujairah, integrando a parte noroeste da costa do Oceano Índico.

O dispositivo defensivo de Quelba/Kalba localizava-se nos limites da cidade de Kalba que os Portugueses tomaram nos inícios do século XVI. Próximo, a nordeste, ergue-se fortificação mais tardia, recentemente restaurada.

O local mencionado situa-se numa faixa costeira fértil, e especificamente corresponde a uma espécie de península rodeada, tanto a nascente como a poente e a sul, pelo Kalba Creek, que corre a cerca de 500 m. Os terrenos são constituídos por sedimentos arenosos, oferecendo coberto vegetal de tipo manguezal, com características espécies halófilas e zonas lagunares. Também ainda ali existem palmares e terrenos cultivados. Parte desta zona integra reserva natural, embora se faça sentir nas proximidades forte pressão antrópica, sobretudo relacionada com o turismo balnear e o crescimento da cidade de Kalba.

As coordenadas de um ponto central da área intervenionada são 25° 01'39.3»N 56° 21'39.1»E.

4. ESTRATIGRAFIA E ESTRUTURAS

Na área escavada, abrangendo 328 m², identificaram-se as seguintes três camadas arqueológicas: C1 – Constituída por sedimentos com matriz arenosa, muito soltos, com cor cinzenta (7.5R 5/1⁵), parte dos quais arrastados pelo vento, identificando-se, também, pequenos nódulos de taipa. A sua potência era de cerca de 0,10 m. Entregou escassos fragmentos de cerâmicas contemporâneas, de vidros, mas também, fragmentos de cerâmicas dos séculos XVI a XIX, assim como restos de fauna, nomeadamente valvas de moluscos marinhos, em geral fracturadas; C2 – Corresponde a sedimentos, com matriz arenosa, pouco compactos, de cor cinzenta escura (7.5R 4/1). Embalava fragmentos de cerâmicas dos séculos XVI e XVII, assim como pequenos artefactos e restos de fauna. Traduz a ocupação humana da fortificação e dos espaços a ela adjacentes; C3 – Areias, pouco coesas e finas, de cor cinzenta (7.5R 3/1), correspondendo a formação geológica e, portanto, sem espólio arqueológico. Trata-se de deposição marinha holocénica, contendo restos de moluscos marinhos e

onde se reconhece sucessão de estratos com constituição semelhante.

A área investigada revelou solos e restos de edificação constituída por massa de areia e gesso, com algumas pedras de pequenas dimensões, nomeadamente correspondendo à estrutura que se observa nas fotografias aéreas antes referidas e que deve constituir testemunho da muralha do lado nascente da antiga fortificação de Kalba.

Aquela construção, disposta no sentido NNW-SSE, ou seja, quase norte-sul, e inflectindo em ambos topos para poente, mede cerca de 50 m de comprimento e apresenta, embora com algumas diferenças ao longo do seu corpo, 2,60 m de largura. As diferenças de cotas entre a extremidade norte e a sul é de 0,41 m.

Na zona situada a norte, imediatamente a nascente da grande estrutura, identificaram-se restos de pavimento de gesso, sobre os quais se exumaram numerosos pequenos fragmentos de cerâmica, entre as quais porcelanas chinesas dos séculos XVII e XVIII, mas também zona com carvões e cinzas que parecem corresponder a estrutura de combustão.

Na área localizada a sul, no lado nascente ou exterior aos restos de muralha, reconhecemos sectores de pavimentos de gesso, por vezes com pequenas pedras e onde se identificaram buracos de poste, um deles ainda com uma cunha, de pedra, *in situ*.

Em zona entre duas manchas de pavimento pôs-se à vista pequena tina, com forma tronco-cónica. Esta era construída através de pequenas pedras argamassadas com areia e gesso. Continha restos de massa de gesso com 0,15 m de espessura e media 0,72 m de diâmetro interno, conservando paredes com 0,40 m de altura máxima. Trata-se de recipiente onde foi produzida aquela massa, utilizada em alvenarias e pavimentos.

No canto correspondendo a zona sudeste do interior da muralha cujas bases pusemos a descoberto, surgiram restos de estrutura de combustão, sob a qual descobrimos a boca de poço, estruturada por blocos de pedra. Mede 0,80 m de diâmetro interior e ali encontramos, na camada superior, fragmentos de recipientes de cerâmica, tal como abundantes restos de fauna diversificada, à mistura com terras, com matriz arenosa, de cor castanha (7.5YR 4/4), muito húmidas e contendo alguns carvões.

5. Os índices cromáticos referem-se às *Munsell Soil-Color Charts* (2009) e, portanto, devem ser entendidos como aproximados.

5. OS ARTEFACTOS

A grande maioria dos artefactos recuperados correspondem a fragmentos de recipientes de cerâmica, oferecendo manufactura, cronologia e funções variadas, desde as produções locais ou regionais, a enorme quantidade de peças importadas da Pérsia e até algumas da China. Trata-se sobretudo, de contentores, para transporte e armazenamento de água ou de outros líquidos, de panelas e frigideiras, para confeccionar alimentos e de taças e pratos para os servir, embora também se tenha identificado cossoiro e marca de jogo, produzidos com fragmentos de fundos de taças.

Perante o actual estado dos conhecimentos sobre as cerâmicas históricas da região do Golfo de Omã, podemos considerar as sete seguintes grandes classes de produção: porcelanas chinesas (nas cores azul ou vermelha, sobre fundo branco, e policromas); faiança persa (*Kerman blue on white ware*); cerâmicas pintadas sob vidro (*Underglazed painted ware*); cerâmicas vidradas de cor castanha ou verde escura (*Bahla ware*); cerâmicas finas de pastas claras (*Fine ware*); cerâmicas de pastas vermelhas (*Red coarse ware*); cerâmicas de pastas muito negras (*Black coarse ware*). Maior amostragem permitirá identificar novas classes e determinar tipos, formas, funções e possíveis origens, aspectos que deverão contar com imprescindíveis análises aos constituintes das pastas, engobes, pinturas e esmaltes (Ferreira *et alii*, 2017).

Porcelana chinesa

A porcelana chinesa surge, com alguma frequência, em contextos arqueológicos, do século XIV, do Médio Oriente, mostrando importante difusão na área do Golfo Árabe-pérsico, na centúria seguinte. Todavia, aquele tráfico intensificou-se ulteriormente, em particular a partir de meados do século XVI, quando se iniciou a sua produção em massa, destinada à exportação, estimulada inicialmente através do comércio com Portugal (Ziolkowski, 2002, p. 224). Conhecem-se fragmentos de porcelanas chinesas, da grande dinastia Ming, em arqueossítios das costas arábicas do Golfo Pérsico e do Golfo de Omã, designadamente de Ras al-Khaimah, Julfar, Siraḥ e Kilwa, entre outros (Cardi, 1971, pp. 260-264).

Entre os fragmentos de porcelana chinesa que exumámos, destacamos, pela sua raridade um, pertencente ao fundo de taça, decorada com cartelas circulares, contendo epígrafes em árabe.

Trata-se de decoração com várias cartelas, de que só se conservam sectores de duas, separada por uma em reserva, mostrando pequenas flores de quatro pétalas. A escrita fez-se com pincel fino e em letra árabe de tipo cursivo, bastante moderna e do âmbito geográfico oriental, que reproduz os pontos diacríticos e outros símbolos caligráficos.

Nas bandas ou cartelas discorria sucessão de breves invocações de Deus, precedidas pela fórmula “Em nome de Deus”. Parece tratar-se de uma espécie de litania feita com atributos da divindade, quer dizer adjectivos e nomes que referem alguma das suas qualidades. Talvez tivesse escritas as palavras que aparecem no Alcorão (LIX, 22-24) e se consideram entre os noventa e nove nomes mais belos que podem dizer-se em substituição da palavra Deus (que em árabe e entre os muçulmanos se diz *Allāh*), embora as que agora se vêem não aparecem registados naquela lista.

Nas duas cartelas, começando pela parte superior apenas se vê:

[بِسْمِ اللّٰهِ]... [بِسْمِ اللّٰهِ] جـ [لاله] \ [...] بِسْمِ اللّٰهِ الشّٰفِي بِسْمِ اللّٰهِ ...

A sua tradução seria:

“[Em nome de] D[eus... Em nome de De]us, exaltado/glorificado seja [Sua Majestade] / [...] Em nome de Deus, o Curador. Em nome de De[us ...]”. (tradução e comentários de Carmen Barceló Torres)

Na primeira metade do século XVII produziram-se na China, respondendo a encomendas externas, recipientes contendo versículos do Corão e o nome de Deus, em escrita árabe, embora não sejam muito comuns (Crick, 2010, pp. 380, 381).

Outros fragmentos de taças e de pratos, decorados na cor azul de cobalto sobre fundo branco azulado, que exumámos, podem ser datados ainda nos finais do século XVI, embora a maioria pertença à centúria seguinte, existindo outros, com decoração policroma, nomeadamente fitomórfica, que devemos atribuir ao século XVIII.

Faiança persa (*Kerman blue on white ware*)

No século XVII os fornos de Kerman, no actual Irão, produziram faiança, com decoração de cor azul de cobalto sobre fundo branco, na tentativa de imitarem a muito apreciada e dispendiosa porcelana chinesa.

Embora não seja muito comum nos contextos arqueológicos da Península Arábica, esta classe de cerâmicas surge, como seria de esperar, em alguns estabelecimentos costeiros do Golfo Pérsico e do

Golfo de Omã, como Julfar e Kashm Nadir (Cardi, 1971, p. 268). O pequeno testemunho desta produção encontrado em Quelba/Kalba ajuda à percepção das redes comerciais então existentes.

Cerâmicas com pintura sob vidrado (*Underglazed painted ware*)

Esta classe de cerâmica, bem distinguível pela técnica ornamental que a caracteriza, tem origens no Irão, em finais do século XII, de onde terá passado ao Iraque e Egipto. A produção persa individualiza-se das restantes, pelo uso da decoração geométrica, nas cores azul escura e negra sob vidrado de cor turquesa. Em Silhat (Sohar, Omã), estas cerâmicas foram classificadas nos séculos XVI e XVII, embora possam ter pervivido até data mais tardia (Ziolkowski, 2002, p. 231).

Cerâmicas vidradas de cor castanha ou verde escura (*Bahla ware*)

Não são raros os fragmentos recuperados, produzidos com pastas pouco homogêneas mas compactas, cor-de-laranja ou bege, cozidas a elevada temperatura, e cujas superfícies, uma, ambas ou apenas partes daquelas, receberam vidrado espesso, de cor castanha escura, de aspecto melado e, em alguns casos, mosqueado, ou de cor verde escura. Esta classe de cerâmica, embora possa ter tido diversas origens, nomeadamente no Irão, foi também produzida em Bahla no Omã, onde tal manufactura parece ter ocorrido a partir do século XIII, tendo-se ulteriormente desenvolvido (séculos XVI e XVII) e alcançando os nossos dias. Em Silhat (Sohar, Omã), estas cerâmicas foram datadas nos séculos XVI e XVII (Ziolkowski, 2002, pp. 233-236; Al-Salimi e Korn, 2008, pp. 227, 228).

Cerâmicas finas de pastas claras (*Fine ware*)

Recolheram-se, tanto à superfície do solo como nos estratos arqueológicos, abundantes fragmentos de cerâmicas finas, de pastas claras.

Aqueles testemunhos correspondem, sobretudo, a recipientes, de pequenas e médias dimensões, destinados à conservação, transporte e armazenamento de água. Foram produzidos com pastas muito depuradas, homogêneas e compactas, de cores claras, bem cozidas em ambiente oxidante, existindo exemplares possuindo quase cor branca a outros de tons bege, amarelados ou rosados. As superfícies, bem alisadas, apresentam em geral decorações, incisas, impressas ou plásticas, de carácter geométrico,

mas muito variadas, por vezes incluídas em métopas. Não raro associam duas ou mais das técnicas decorativas referidas e, até, motivos pintados, nas cores negra ou vermelha escura, assim como oferecem engobes e aguadas. Alguns exemplares foram decorados com a ajuda de moldes.

Entre as formas de jarros mais comuns contam-se aqueles que possuem corpo bitroncocónico, colo alto e cilíndrico, longo bico e, em posição oposta, asa de perfil semicircular que une o colo a ponto mesial do corpo. Os fundos são planos (Ziolkowski, 2002, p. 227).

Cerâmicas de pastas vermelhas (*Red coarse ware*)

Trata-se de manufacturas locais ou regionais, de tradição ancestral, embora se desconheça os centros produtores antigos. No entanto, sabe-se que al-Fara, próximo de Wadi Miduk (Emirado de Fujairah), produziu, até à segunda metade do século passado, cerâmicas deste tipo, com formas muito diversificadas (Ziolkowski, 2002, p. 228). Também em Lima, no norte do Omã, continuou-se a realizar cerâmicas através de processos tradicionais até aos dias de hoje (Al-Salimi e Korn, 2008, p. 279).

Cerâmicas de pastas negras (*Black coarse ware*)

Decidimos classificar nesta categoria fragmentos de recipientes, de pequenas, médias e grandes dimensões, produzidos com pastas mal depuradas, pouco homogêneas e pouco compactas, cujas paredes possuem tanto o núcleo como ambas superfícies em tons das cores cinzenta escura ou negra.

Aquelas peças sugerem corresponder a manufactura local, que utilizou argilas e elementos não plásticos, de origem metamórfica, com cor escura, da família dos basaltos, gabros e grauvaques, daí as características cores negras.

Artefactos de pedra

Os artefactos de pedra encontram-se representados por pedreireira, de sílex, de cor castanha avermelhada, fragmentos de duas pequenas hastes para aplicação de *kohl* (*marwad*), de clorite escura, rocha que existe no bordo oriental da Península Arábica, duas balas de funda, uma de rocha de cor branca e a outra de rocha de cor cinzenta, pedaço de fusaiola de clorite, cunha, que utiliza seixo de rocha basáltica, encontrada em um dos buracos de poste, e diversos seixos com sinais evidentes de terem sido usados como percutores.

Artefactos de vidro

Também se encontraram pedaços de artefactos de vidro, nomeadamente de braceletes, com secção elíptica e o interior oco, ou plano-convexa, maciças, de vidro na cor castanha ou negra, assim como pedaço de espesso fundo de garrafa de vidro de cor verde muito escura.

Artefactos de concha

Exumámos pequeno pendente, de contorno cordiforme, com perfuração circular, que utiliza valva de molusco marinho. Também recolhemos conjunto de pequenas contas cilíndricas, elaboradas a partir de conchas de *Dentalium* sp.

Artefactos metálicos

A escavação proporcionou apenas um prego de ferro e dois numismas. Um destes foi encontrado à superfície do terreno, é de bronze e tem o valor facial de 1/4 de *anna*. No anverso, em árabe, lê-se “Oman Fessul bin Turkee, Sultan” e, no reverso no alfabeto latino “FESSUL BIN TURKEE IMAN OF MUSCAT AND OMAN”. Esta emissão é atribuída a 1898 (1315 H.).

O segundo numisma, também de bronze, com ambas superfícies muito alteradas, deve corresponder a felus, de emissão safávida do século XVII, talvez de Isfahan, com larga circulação no Golfo Pérsico e áreas limítrofes.

6. CONCLUSÃO

A intervenção em Quelba/Kalba encontra-se nos inícios e serviu, sobretudo, para avaliar o potencial arqueológico do sítio, tal como as condições de trabalho que graciosamente nos foram proporcionadas. O principal objectivo dos trabalhos de campo foi alcançado, dado que se identificou o que julgamos serem os testemunhos dos alicerces de um dos tramos das muralhas da antiga fortificação de Quelba/Kalba.

Também se descobriram sectores de pavimentos, contendo buracos de poste, um poço, uma tina e restos de duas estruturas de combustão.

Como seria de esperar, as cerâmicas constituem o espólio mais numeroso, tendo-se identificado diversas classes de produção, com cronologias situadas entre os finais do século XVI e o século XVIII. A presença de porcelanas chinesas, também conhecidas em muitos outros arqueossítios contemporâneos da mesma zona, deve-se ao significativo incre-

mento comercial proporcionado pelos Portugueses e, depois, por outras nações europeias.

O espólio cerâmico exumado, além de traduzir intensa interacção comercial e, por certo, cultural, entre a zona do Golfo do Omã e outros pontos da Península Arábica, como com a Pérsia ou a China, evidencia funcionalidades diversas, como a manufactura de alimentos, a sua apresentação, armazenamento e transporte, mas também aspectos ligados ao prestígio social que certos recipientes, com formas e decorações elaboradas e de procedência exógena, proporcionavam aos seus possuidores.

Duas fusaiolas, uma de cerâmica e outra de pedra, testemunham a fiação da lã ou de fibras vegetais.

A marca de jogo de cerâmica indica actividade lúdica, sendo idêntica a muitas que encontramos em contextos arqueológicos medievais e modernos portugueses. Dado desconhecermos a publicação de peças congéneres nos arqueossítios, dos séculos XVI a XVIII, do nordeste da Península Arábica, e sabermos da proibição, pelas leis islâmicas, dos jogos de azar (*quinar*), podemos estar perante testemunho da presença portuguesa.

É possível que aquela também esteja relacionada com fragmento de fundo de garrafa de vidro, de manufactura europeia do século XVII.

Todavia, por ora ainda não encontramos evidências arqueológicas incontestáveis da presença portuguesa em Quelba/Kalba, nem nos testemunhos arquitectónicos ou nos artefactuais, apesar dela se ter conservado na memória colectiva das populações que hoje ali vivem.

BIBLIOGRAFIA

AL-SALIMI, Abdulrahman; JANSEN, Michael (2015) – *Portugal in the Sea of Oman. Religion and Politics. Research on Documents*. Corpus 1, Part 2, vol. 9 (Documents from 1642-1649). Hildesheim: Georg Olms Verlag.

AL-SALIMI, Abdulrahman; KORN, Heinz Gaube Lorenz (2008) – *Islamic Art in Oman*. Muscat: Sultanate of Oman.

(ANÓNIMO). *O Lyvro de Plantaformas das Fortalezas da Índia*. Lisboa: Edições Inapa, 1999 (fac símile do códice nº 1805 da Biblioteca da Fortaleza de São Julião da Barra em Oeiras, c.1620/c.1640).

BARBOSA, Duarte (1946) – *Livro em que dá Relação do que Viu e Ouviu no Oriente Duarte Barbosa*. Lisboa: Agência Geral das Colónias.

BOCARRO, António (1635) – *Livro das Plantas de Todas as Fortalezas, Cidades e Povoações do Estado da Índia Oriental*.

- Évora: Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Évora (Inv. CXV-2-1).
- BOCARRO, António (1635) – *Livro do Estado da Índia Oriental Repartido em Três Partes a Primeira Contem Todos os Retratos dos Vizorreis que Tem Auido Nodi to Estado Athe o Anno de 634: com Descripsoes de Seus Governos*. Cópia de P. Resende de 1646.
- CARDI, Beatrice de (1971) – Archaeological survey in the Northern Trucial States. *East & West*. 21: 3, 4, pp. 225-289.
- CORTESÃO, Armando (1978) – *A Suma Oriental de Tomé Pires e o Livro de Francisco Rodrigues*. Coimbra: Actas Universitatis Conimbricensis.
- CRICK, Monique (2010) – *Chinese Trade Ceramics for South-East Asia. Collection of Ambassador and Mrs Charles Müller*. Genève: Fondation Baur / Musée des Arts d'Extrême-Orient.
- CUNHA, Mário Raul de Sousa (2012) – *As Igrejas da Ordem Militar de Santiago. Arquitectura e Materiais*. II. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- FERRÃO, Bernardo (1990) – *Mobiliário Português. Índia e Japão*. Lisboa: Lello & Irmão Editores.
- FERREIRA, Luís Filipe Vieira; MACHADO, Isabel Ferreira; CARITA, Rui; GOMES, Rosa Varela; GOMES, Mário Varela; KAMYAB, Kamyar Daryoush (no prelo) – A preliminary characterization of four ceramics sherds found in a 17th c. in the site of the primitive fort of Quelba from the Sharjah's Emirate. In *12th International Conference on Non-Destructive Investigations and Microanalysis for the Diagnostics and Conservation of Cultural and Environmental Heritage: ART'17*.
- HERÉDIA, Manuel Godinho de (1610) – *Plantas de Praças das Conquistas de Portugal Feytas por Ordem de Ruy Lourenço de Tavora Vizo rey da Índia* (códice CAM – 3,5 da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, 1610).
- HERÉDIA, Manuel Godinho de (atr.) (1999) – *Livro das Plataformas das Fortalezas da Índia*, fac-simile com estudo de Rui Carita de exemplar da Biblioteca da fortaleza de São Julião da Barra. Lisboa: Ministério da Defesa e Inapa.
- LIZARDO, João Palla (2015) – *Vestígios da Expansão Portuguesa na Costa da Arábia: Entre as Imagens da Época e a Realidade*. Lisboa: Instituto de Arqueologia e Paleociências da Universidade Nova de Lisboa.
- PINTO, Fernão Mendes (2004) – *Peregrinação*. 10 vols. Lisboa: Edição Expresso.
- SERRÃO, Vítor Manuel (2015) – Entre China e Portugal: temas e outros fenómenos de miscigenação artística, um programa necessário de estudos. In *Património Cultural Chinês em Portugal*. Lisboa, Centro Científico e Cultural de Macau / Fundação Jorge Álvares, pp. 11-34.
- SLOT, Bernardus Josephus (1993) – *The Arabs of the Gulf, 1602-1784*. Leiden: Leideschendam.
- VIANA, Mário (1999) – Documentos, nº 12. *Arquivo dos Açores*. I, pp. 45-152.
- ZIOLKOWSKI, Michele Christina (1999) – Excavations at Al-Bidiyya: new light on the Portuguese presence in the Emirates. *Tribulus – Bulletin of the Emirates Natural History Groups*. 9: 2, pp. 19-21.
- ZIOLKOWSKI, Michele Christina (2002) – *The Historical Archaeology of the Coast of Fujairah, United Arab Emirates: From the Eve of Islam to the Early Twentieth Century*. Vol. I: Text; Vol. II: Appendices. Sydney: University of Sydney.



Figura 1 – Localização do enclave de Kalba (Sharjah), nos Emirados Árabes Unidos (https://en.wikipedia.org/wiki/Kalba#/media/File:United_Arab_Emirates_adm_location_map.svg).

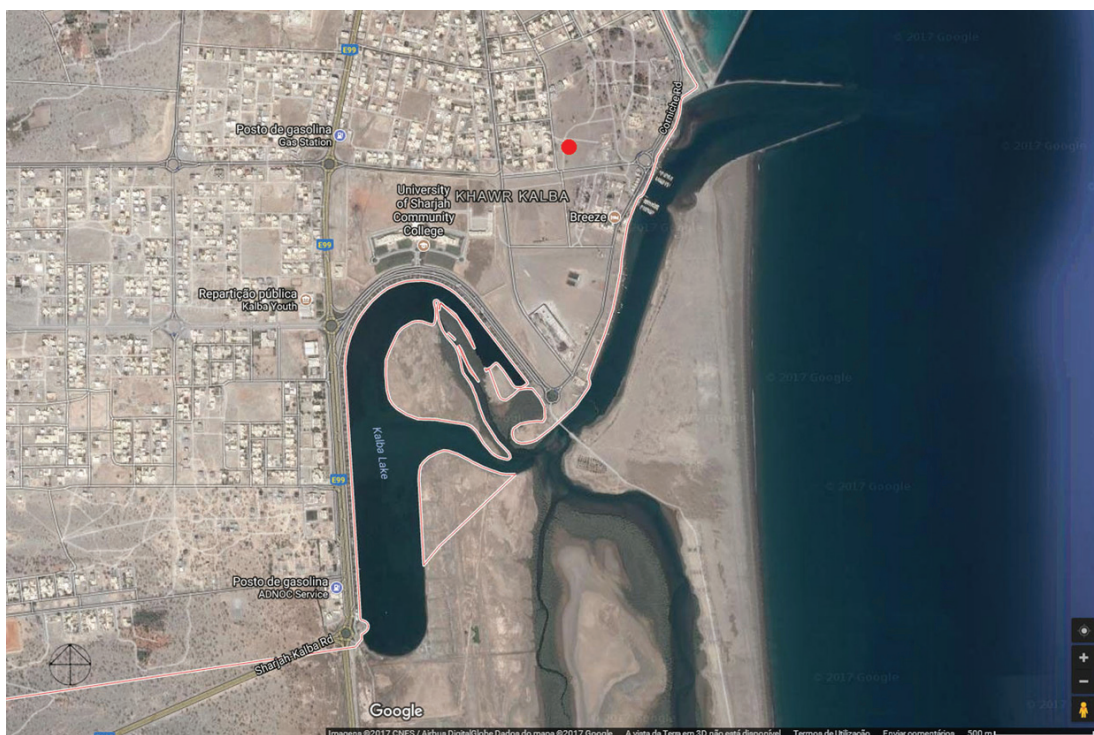
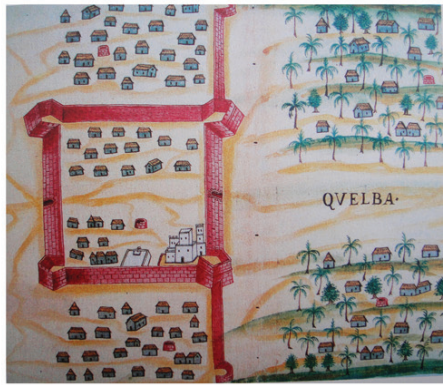
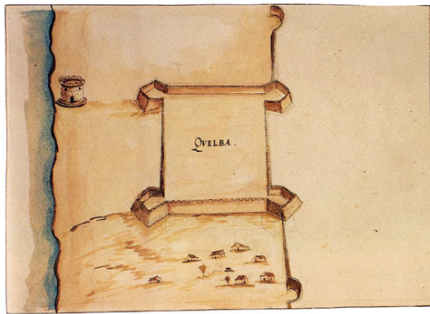


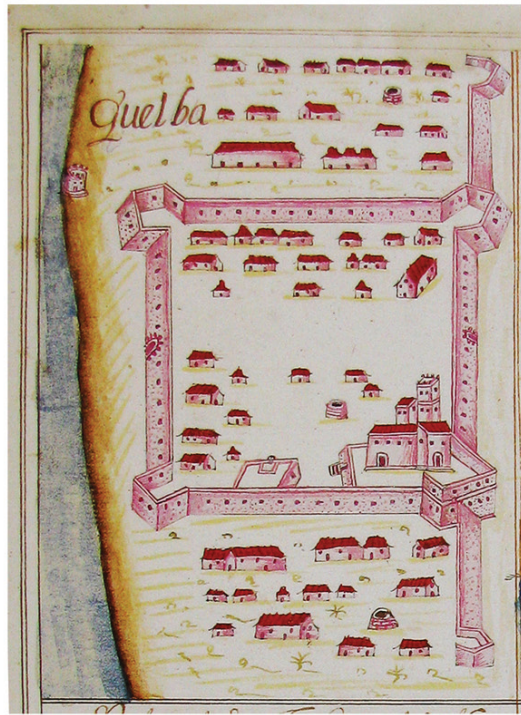
Figura 2 – Situação da fortificação de Kohr Kalba junto ao rio com o mesmo nome (Google maps).



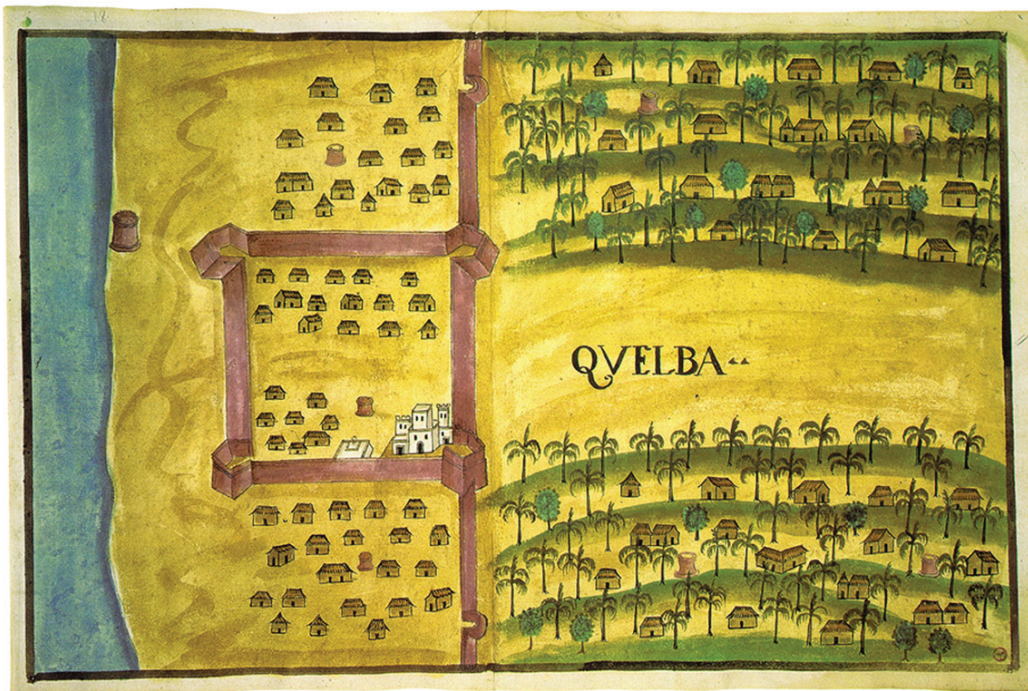
A



B



C



D

Figura 3 – Plantas antigas de Quelba/Kalba. A, Manuscrito de Madrid; B, Ms de Vila Viçosa; C, Ms de São Julião da Barra; D, Ms da British Library (Sloane Manuscript 197, fl. 138).

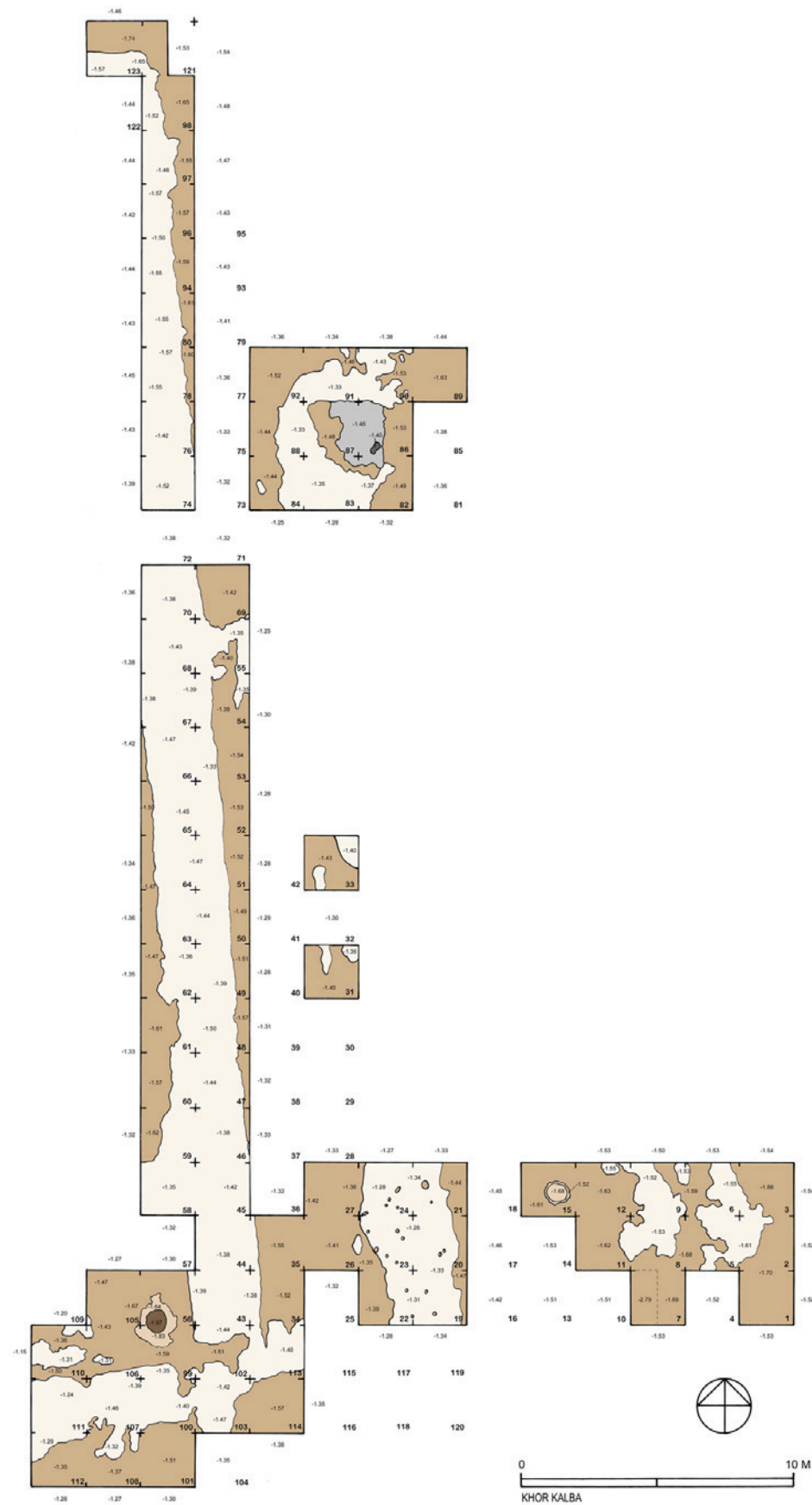


Figura 4 – Quelba/Kalba. Planta da área intervencionada em 2017 (lev. J. Gonçalves).



Figura 5 – Aspectos dos trabalhos de 2017 (fotos R. Carita).



Figura 6 – Quelba/Kalba. Tina (foto J. Gonçalves).

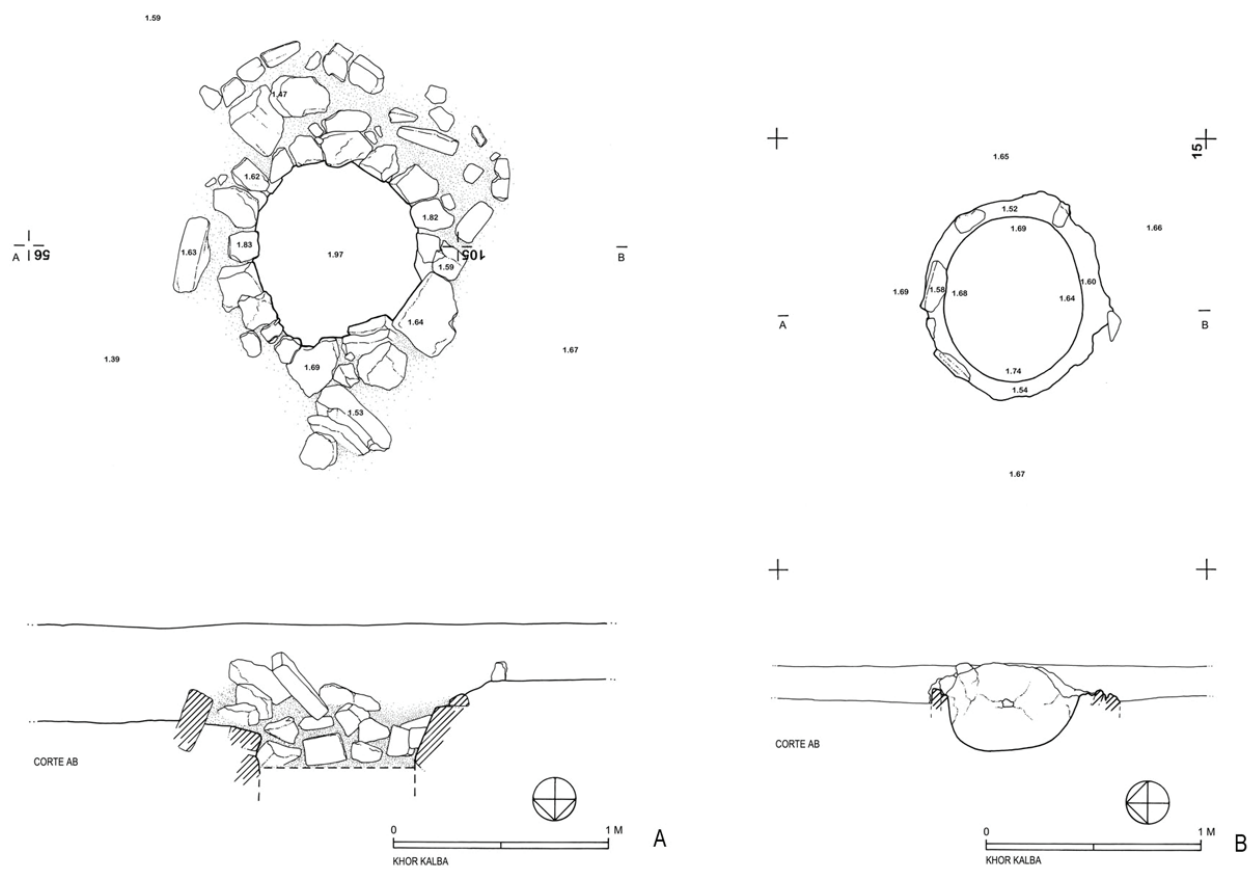


Figura 7 – Quelba/Kalba. A, Boca de poço; B, Tina (lev. J. Gonçalves).

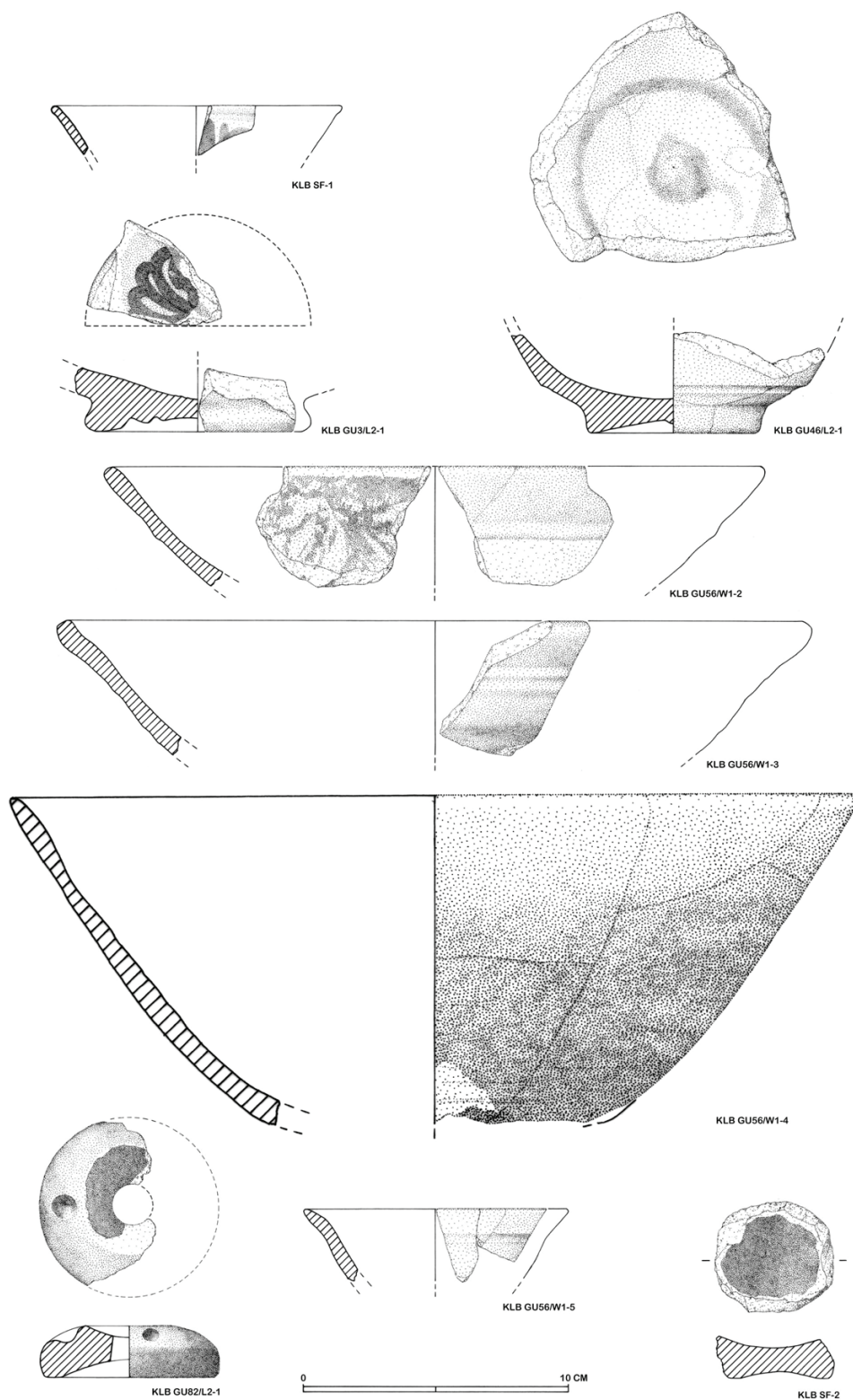


Figura 8 – Cerâmicas de Quelba/Kalba. KLB SF-1, taça de faiança com decoração de cor azul sobre fundo branco (Irão); KLB GU 3/L2-1, taça com pintura sob vidrado; KLB GU 46/L2-1, taça com pintura sob vidrado; KLB GU 56/W1-2, taça com pintura sob vidrado; LB GU56/W1-3, taça vidrada de cor castanha escura (Bahla ware); KLB GU56/W1-4, taça vidrada de cor castanha escura (Bahla ware); KLB GU56/W1-5, pequena taça parcialmente vidrada de cor castanha clara (melada); KLB GU82/L2-1, fusaiola produzida a partir do fundo de taça com pintura sob vidrado; KLB SF-2, marca de jogo produzida a partir de fundo de taça vidrada de cor castanha escura (Bahla ware) (desenhos de J. Gonçalves).

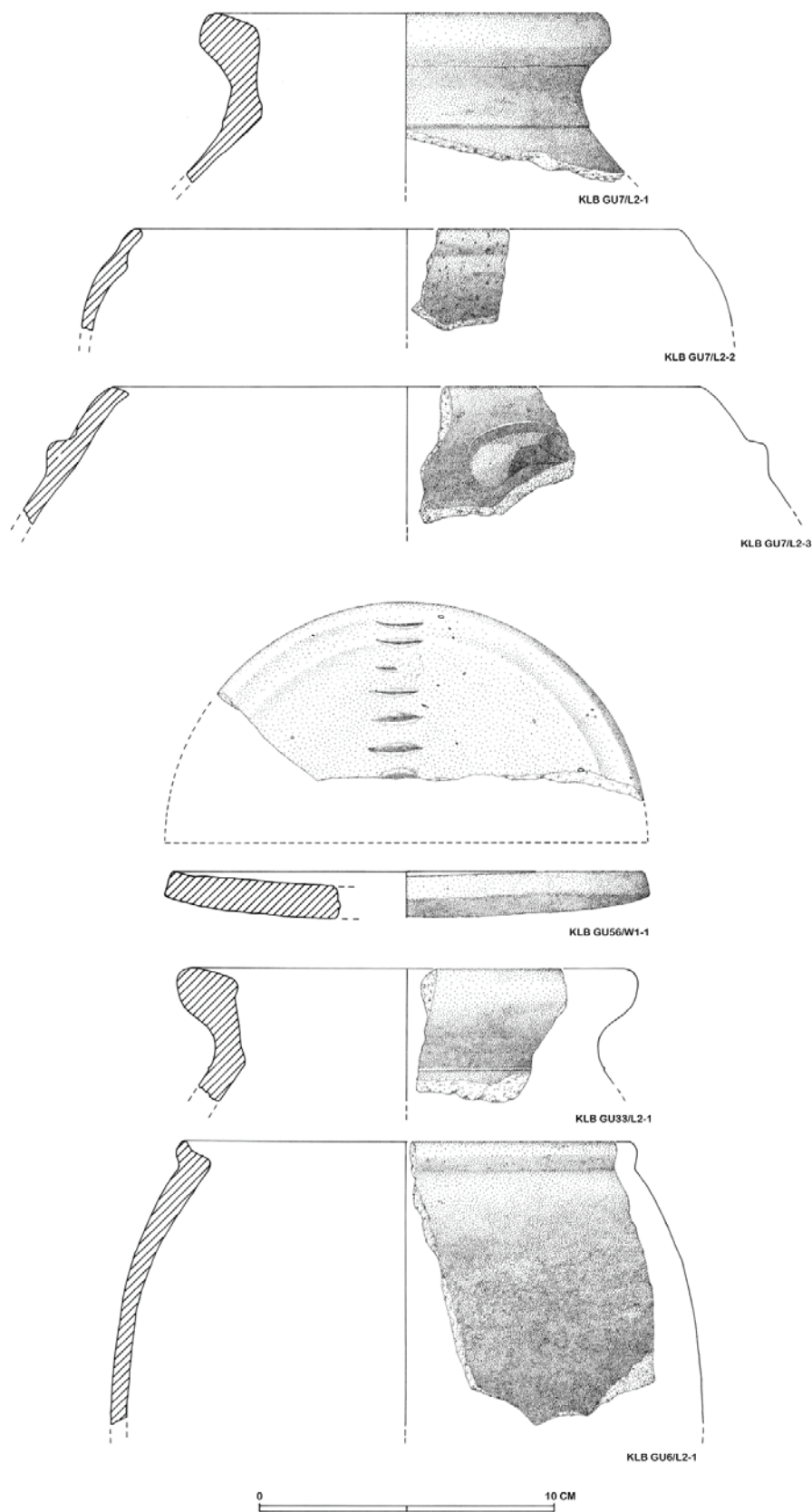
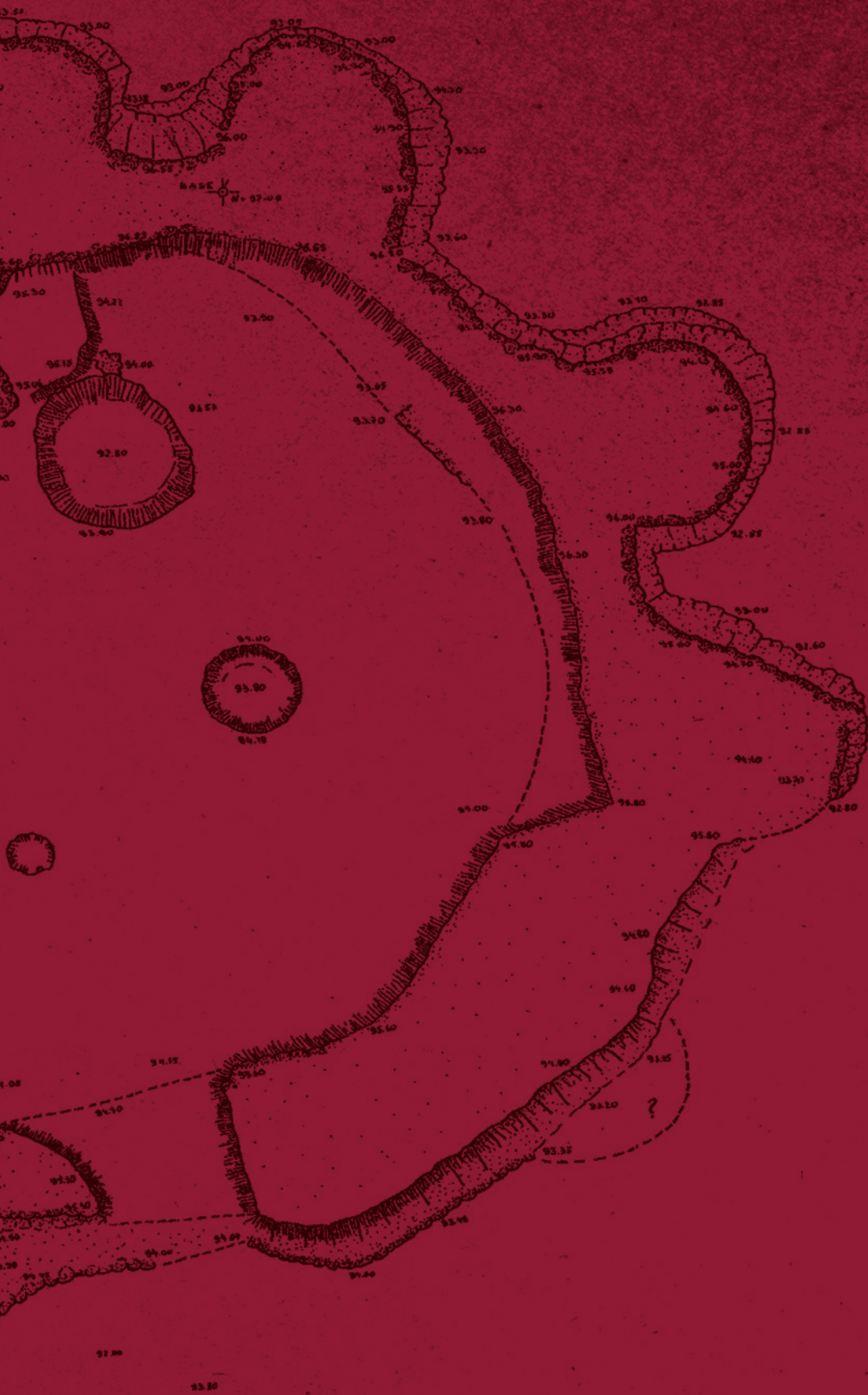


Figura 9 – Cerâmicas de Quelba/Kalba. KLB GU7/L2-1, talha, produzida com cerâmica negra; KLB GU7/L2-2, panela, produzida em cerâmica negra; KLB GU7/L2-3, panela, produzida em cerâmica negra; KLB GU56/W1-1, tampa, de cerâmica vermelha; KLB GU 33/L2-1, talha, de cerâmica vermelha; KLB GU6/L2-1, panela de cerâmica vermelha (desenhos de J. Gonçalves).



Figura 10 – Espólio de Quelba/Kalba. A, Porcelanas chinesas; B, Cerâmica fina; C, Fragmentos de braceletes de vidro e de aplicadores de *kohl*, de pedra; D, Fragmento de fusaiola, de pedra, e balas de funda; E, Numismas; F, Artefactos de concha, pendente e contas (fotos J. Gonçalves).



Patrocinador oficial